

Rubem Braga

DESENHOS DE CARLOS THIRÉ

O Cacto

TRADUÇÃO DE CASSIANO RICARDO

*This is cactus land.
Here the stone images
are raised...*

T. S. ELIOT

Vamos, todos, brincar de cacto,
na areia da nossa tristeza,
Uma fôlha sôbre outra,
em caminho do céu intacto.

Uns nos ombros dos outros,
um braço a nascer de outro braço,
uma fôlha sôbre outra,
formaremos um grande cacto.

De cada braço, já no espaço,
nascerá mais um braço, e dêste
outros braços, qual ramallete
de flôres para um só abraço.

Filhos da pedra e do pó,
fique aqui em baixo o nosso orgulho,
pisado sôbre o pedregulho.
Formaremos, num corpo só,

(uma fôlha sôbre outra,
uma fôlha sôbre outra,
um braço a nascer de outro braço)
a nossa escada de Jacó.

P'ra que tôrre de Babel
ou o Empire State, compácto,
se, uns nos ombros dos outros,
chegaremos ao céu, num cacto?

Uma folha sôbre outra
e já uma árvore de feridas
por entre os anjos de azulejo
e as borboletas repetidas.

Que fique, aqui em baixo, a terra;
lá de cima nós tiraremos
uma grande fotografia
do seu rosto de ouro e prata.



P'ra provar a Deus que a terra,
numa fotografia exata,
não é redonda, mas chata.
Não é redonda, mas chata.

P'ra provar, por B mais H,
que o homem, animal suicida,
já sabe fabricar estrêlas...
Se é que Deus disto duvida.

Que iríamos fabricar luas
(se não fôra, para Seu gaudío,
o espião nos ter furjado a fórmula)
mais bonitas do que as Suas.

Vamos, todos, brincar de cacto,
uns nos ombros dos outros,
um braço a nascer de outro braço,
uma fôlha sôbre outra.

Vamos subir, de fôlha em fôlha,
mais alto do que vai o avião.
Lá onde os anjos jogam pedras
no cão da constelação.

Que outros usem avião a jacto
p'ra uma viagem em linha reta.
Nós, filhos da planície abjeta,
subiremos ao céu num cacto.

Uns nos ombros dos outros,
injustiças sôbre injustiças,
formaremos um verde pacto...
Vamos, todos, brincar de cacto.

Vamos, todos, brincar de cacto.

GENTE DA CIDADE



Maurício Goulart,
usineiro

No lugar de "usineiro" poderíamos ter citado várias outras profissões e títulos que Maurício Goulart tem ou teve; mas fique este. Nosso herói é de velha família paulista, de Amparo; seu pai, Odilon Goulart (que era também Penteado) foi médico de grande clínica, e o primeiro interno laureado da Faculdade de Medicina do Rio. Seu avô materno, o professor João Kopke, em cujos livros de "Leituras Morais e Instrutivas", da "Série Rangel Pestana", várias gerações de brasileiros aprenderam a língua, era filho do fundador do Colégio Kopke, de Petrópolis, que Pedro II tanto prezava. E foi em Petrópolis que Maurício nasceu, por acaso, tanto que seu pai, paulista penetrado, fez questão de declarar, no seu registro de nascimento, que estava "de passagem ocasionalmente por esta cidade".

Maurício ainda era menino quando o pai abandonou sua clínica para ser fazendeiro; o garoto cresceu em fazendas de café de Itatinga, Sorocaba, São Manuel. Mandaram-no depois, interno, para o Colégio Anchieta, de Friburgo, o mesmo do qual foi expulso, por insubordinação mental, o poeta Carlos Drummond de Andrade. Maurício ali ficou 3 anos e numas férias apareceu tão religioso, tão carola, até pensando em ser padre, que o avô Kopke decretou com urgência que "esse menino precisa de um banho de paganismo"; encheu de dinheiro o bolso do rapazinho de 14 anos e o soltou nas ruas do Rio. Aqui terminou ele o ginásio, no Colégio Santo Inácio, mas externo e freqüentador de salões de bilhar, e daqui partiu para a Faculdade de Direito de S. Paulo, onde se formou em 1930.

Mas antes dessa formatura ocorreram várias coisas: ele foi redator de "O Estado de S. Paulo", tendo feito a reportagem da chegada do "Jahu" e uma entrevista com Le Corbusier na casa de Paulo Prado. Quando tinha 18 anos seu pai ganhou uma questão judiciária e resolveu distribuir o dinheiro pelos filhos (então 6) para ver qual deles "tinha orientação". Maurício recebeu sua quota (81 contos) e a maioridade; com isso fundou a revista "Arlequim" onde gastou aquele dinheiro e fez mais 60 contos de dívidas, pagas pelo pai... A revista era sub-literária (diz ele) e publicava sobretudo versos, crônicas e fotografias das moças que os rapazinhos amavam. Já numa revista da Faculdade Maurício apresentara um

Notícia urgente



Minha amiga:

Soube, outro dia, com tristeza, que você está doente. E nesta manhã de sol claro e ondas fortes tenho quase remorso em me sentir tão sólido e sadio diante do mar azul e pensar em você, em um escuro apartamento dessa Paris friorenta.

Não me lembro dessa rua em que você agora está morando, mas imagino uma ruazinha estreita do Quartier Latin, com um ou dois bistrôs, um açougue em que a carne de vaca é enfeitada com rosas de papel, uma casinha de antiguidades, uma pequena livraria, uma venda de vinho e carvão, um hotel povoado de bolsistas africanos e outro de estudantes sucos.

Imagino uma entrada escura, uma "concierge" de cabelos brancos, presos ao alto da cabeça, um pequeno elevador de duas portas oscilantes que sobe, com um gemido quase humano, até um corredor triste — e, dentro do apartamento, você com um capote preto, meio pálida, uma descuidada mecha de cabelos caindo pela testa. E quase ouço a sua voz grave com esse francês saboroso de menina nascida e criada em Saint Germain des Prés falando de seu "boulot" ou me convidando a sentar, "bouffer" alguma coisa. Nevou pela manhã; agora, neste começo de tarde, a rua é nervosa e triste com gente apressada nas calçadas estreitas e um ou outro velho táxi roncando e fazendo espirrar lama; o dia é curto, já se faz escuro está um pouco menos frio, mas tudo muito úmido. E você estará triste, desanimada, na cama, olhando o papel da parede como se nele quisesse

descobrir as linhas de seu futuro, neste momento vazio e ruim de sua vida.

Não sei que lembrança você terá dêste vago brasileiro, mas tenho a ilusão de pensar que lhe fará bem saber que muito, muito longe, além do mar, há um homem que esta manhã, na praia de espumas brilhantes, pensou em você, e pensou com ternura, e lembrou com saudade o seu riso claro e sua mecha de cabelos castanhos. Este homem é inútil e não pode lhe mandar nem um pouco dêste sol para aquecer o seu corpo, nem um pouco dêste vento sadio e limpo do mar para lavar o seu pulmão que respira êsse ar confinado que o "chouffage" resseca e a fumaça do cigarro vicia.

Mas guarde esta notícia, minha amiga: o mundo não é tão escuro e feio e frio como lhe parece neste momento; fique bem quieta e paciente, num canto da cama, ouvindo as músicas do rádio, e sabendo que logo haverá também, para você dias de sol, cálidos e alegres, com espumas brilhando e lá atrás, além da praia, cigarras nas árvores a cantar. Daqui eu lhe mando êsse canto, e o dos pássaros que esvoaçam entre os telhados e as amendoeiras. É um canto de ternura e de esperança, sôbre o grave marulho de minha praia — desta praia longe, longe, onde há um homem pensando, com muito afeto, em você.

E se você se erguer da cama e chegar lentamente até a janela para ver lá fora, pela vidraça embaçada a rua escura e suja, e voltar ainda mais triste para a cama, pense nesta notícia ato que eu lhe mando, e é tudo o que eu lhe posso mandar: ainda há sol, ainda há mar e vento de mar.

R. B.

poema ao gosto da época, contando que "uma garoa fina e boa cai levemente no caminho, cai de mansinho à-toa, oh, como é bom ter um carinho..."

Sua vida é de estudante rico, com automóvel, aventuras amorosas, o tipo do "play-boy". Um dia recebe um telefonema do China (Nelson Tabajara de Oliveira, ex-sargento da Coluna Prestes, hoje diplomata de carreira) que andava perseguido pela polícia. Maurício vai em seu carro buscá-lo, e ele lhe apresenta um sujeito de uns 30 e poucos anos, de chapéu de palheta e olhos azuis, para Maurício esconder em sua casa. Nome: Siqueira Campos. O jovem repórter e estudante estremece: trata-se de um conspirador que toda a polícia procura. Conversando com Siqueira Campos, torna-se seu grande admirador e se envaidece de merecer sua confiança; quando repara, está metido na conspiração revolucionária. É um bom elemento, porque rapazinho rico e insuspeito, gozador da vida; um dia vai ao Secretário da Justiça, Sales Junior, pedir para lhe arranjar com urgência um passaporte para ir a Buenos Aires. "As mulheres de São Paulo já não lhe bastam?" — pergunta o político. E assim parte Maurício com uma carta que entrega a um sujeito pequenino, de roupa escura, meias verdes e sapatos pretos chamado Luís Carlos Prestes; também estão em Buenos Aires Miguel Costa e Djalma Dutra, que divergem de Prestes quando este manifesta suas tendências para o comunismo e resolve utilizar em benefício da causa vermelha as centenas de contos que recebera para a revolução. Prestes escreve seu famoso manifesto e entrega-o a Maurício para levá-lo a Juarez Távora, que está escondido na casa de Juracy Magalhães, na Paraíba; o nosso pombocorreio leva também uma carta de Miguel Costa, contrariando o manifesto de Prestes; mas quando chega ao Recife, o manifesto já havia sido publicado. Maurício volta a S. Paulo e continua conspirando; mas a morte de Siqueira Campos, em um desastre de avião, em maio de 1930, alerta a polícia. Maurício é obrigado a esconder-se; quando a revolução rebenta está com Miguel Costa em Passo Fundo, de onde seguem para Marcelino Ramos. É nomeado chefe da 1.ª seção do Estado Maior do general Miguel Costa, e participa, como observador avançado da artilharia, do combate de Morungaba e... da famosa batalha de Itararé, que não houve.

Cai Washington Luís, Maurício está em S. Paulo fardado de capitão, é um dos fundadores da "Legião Revolucionária", muito ligado a Miguel Costa e João Alberto (interventor) e quando vem a revolução de 32, que tentou em vão obstar com os tenentistas, é catado pela polícia. Está escondido numa casa com Miguel Costa, este é preso pela polícia, e Maurício passa um dos piores momentos de sua vida, escondido dentro de um armário e depois no fôro da casa, de revólver na mão. Consegue fugir da casa, e em plena revolução, em um forde cheio de mulheres, crianças e papagaios, atravessar a linha via Itajubá e vir até o Rio. Quando volta a S. Paulo, depois da derrota constitucionalista, é para participar do PPP (Partido Popular Progressista) com Miguel Costa. Recusa empregos no estrangeiro, indivia-se horrorosamente; quando Armando Sales é eleito, resolve cuidar da vida e só então cola grau e vai advogar. Vem depois para o Rio onde funciona como corretor de anúncios e depois entra em negócios rodoferroviários. Joga como um louco nos casinos e em 1935 é preso... como comunista e passa dez meses entre o Maria Zélia e o Paraíso, até ser excluído pelo Tribunal de Segurança. Em março de 41 está no Rio, é convidado para dirigir "Diretrizes", que se torna revista semanal de grande repercussão. Uma entrevista ante-estado-novista com Pedro Aleixo, outra com Milton Campos e mais algumas coisas levam Maurício à cadeia, onde fica junto com Lindolfo Collor e... o pai-de-santo Joãozinho da Goméa. Volta à advocacia, ganha dinheiro, depois resolve fundar numa cidade Fronteira, onde hoje tem uma usina. Mas as loucuras juvenis pesam em sua vida e a certa altura tem tantos "papagaios" que compra (com outro "papagaio") um avião e num só dia viaja 2.000 quilômetros para evitar o protesto de um título. Salva-o o trabalho árduo no interior e a advocacia na capital; casa-se e toma juízo, porque hoje tem uma filha de 7 anos e meio, Lígia, e um garoto, Mário Antônio (o Antônio em homenagem a Siqueira Campos), de 6 anos. No meio de tudo isso encontra, ninguém sabe como, tempo para escrever uma obra séria, "Escravidão Africana no Brasil"; mais recentemente publicou um estudo sobre Júlio de Mesquita.

Assim é Maurício Goulart, hoje industrial e pai de família; mas os lances mais interessantes de sua carreira (paixão, etc.) não foram contados aqui. O mais doloroso golpe de sua vida: a morte de sua única irmã, mais velha que ele 5 anos, que adorava. Juntos que gosta de comer, beber e vestir-se bem, não faz mais poemas, tem milhões de amigos, está no Rio promovendo o inventário de seu cliente João Alberto ("deficit" de muitos milhares de contos) e acha que o homem para endireitar o Brasil seria Milton Campos.



IBRAHIM SUED

As baianas Bangu (Dolores Guinle, Ginger Rogers e Elaine Stewart) laçadas por Jacques Bergerac, Oscar Orstein e este colunista, antes do baile do Copa. As minhas convidadas fizeram grande sucesso durante o Carnaval que passou.

Decididamente o Carnaval carioca foi para Hollywood. Como vocês sabem, eu tive três convidados de Hollywood, para assistirem à festa máxima do povo brasileiro. Ginger Rogers e seu marido Jacques Bergerac, e Elaine Stewart. Mas, também não houve apenas Carnaval: aconteceram reuniões sociais. Elegantes reuniões: Os casais Gustavo Magalhães e Otacilio Gualberto abriram suas residências em honra de meus convidados.

* *

Na residência do sr. e sra. Gustavo Magalhães, os anfitriões foram perfeitos. A "hostess" Guiomar Magalhães reuniu nessa noite um elegantíssimo grupo do "society" carioca. Uma orquestra tocou para dançar e um delicioso jantar foi servido com champanhota e tudo. Entre os convidados de Guiomar e Gustavo, lá estava a Duquesa de Devonshire, que visita o Rio, hospedada na residência do sr. e sra. Carlos Eduardo Sousa Campos, o casal mais elegante do Brasil. Também o embaixador de Portugal, sr. Antônio Faria, e a embaixatriz Décio Moura compareceram à belíssima mansão dos Magalhães, nesse acontecimento muito Hollywood. A "hostess" foi extremamente perfeita. Recebe com muito bom gosto.

* *

Com os Gualberto, foi um "Petit Comité" para jantar. No maravilhoso salão de jantar dos anfitriões, a nossa "hostess" mais uma vez evidenciou o bom gosto que tem para receber personalidades estrangeiras que visitam o Rio. A sra. Maria Eudóxia Gualberto, com seu majestoso apartamento, e sua grande categoria, todas as vezes que abre os seus salões impressiona seus convidados. Boa comida.



A sra. Gustavo Magalhães deu um jantar em sua bonita residência.

Hospitalidade de quatrocentos anos. E boa champanhota.

* *

No sábado de Carnaval, inaugurando o carnaval carioca, Ginger Rogers, Elaine Stewart e Dolores Guinle, fantasiadas de baiana, compareceram ao Copacabana Palace, que teve uma das maiores noites de Carnaval desses quatro últimos anos. As baianas foram um sucesso e tanto. Desenhadas pelo nosso José Ronaldo, em tecido de algodão da Bangu, foi sem dúvida um dos grupos mais elegantes da noite. Cinema, Rádio, Televisão, fotógrafos e tudo o mais. Até o senador Assis Chateaubriand, que nos acompanhou nessa noite, teve que dar autógrafos. E o diretor dos "Diários Associados", muito eufórico, me confessou que há 14 anos não assistia ao Carnaval no Rio. Ginger e Elaine declararam às emissoras cariocas: — "Nós vamos levar para Hollywood esses trajes brasileiros".

* *

No domingo, foi no Vogue, um jantar oferecido pelo sr. e sra. Jorge Guinle, e segunda-feira, no grande e espetacular baile do Municipal. Foram apresentadas ao Presidente e ao Prefeito e depois assistidas à festa do camarote do sr. Carlos Roberto de Aguiar Moreira.

* *

Flagrantes do Carnaval: A artista Rosinha Lorcal, fantasiada de "Champanhota de Ibrahim Sued" classificou-se em sexto lugar no concurso de fantasias do Municipal. Sônia Carneiro, Miss Bangu, fantasiou-se de "Dama de Prêto". O comandante Carlos Niemeyer, repetiu a sua fantasia de "Dama de Prêto", e ganhou até um concurso de originalidade, na terça de carnaval, no Vogue, quando improvisaram um concurso de fantasias masculinas. E, por falar em dama de prêto, devo informar a vocês que essa antipática dama está cada dia mais doente e mais furiosa. O "Caju Amigo" que aconteceu terça-feira de Carnaval no Vogue, foi espetacularmente uma grande festa. Tinha de tudo. Duquesa, artistas de cinema, mulheres elegantes, mulheres desconhecidas, gente de sociedade, "penetras" e até violetas... O sr. Carlos Peixoto entrou fantasiado de anjo, montado em um burro. Foi o dono da tarde. Uma tarde do diabo. Depois eu conto.

E hoje é só. Tenho muita coisa para contar. Depois eu conto. Ah! Como sempre, contra a dama de prêto, contra a Petrobrás e contra bobocas. Até a próxima.